

Egoísmo e tempo para os filhos



Ainda há muita gente -educadores escolares e profissionais que gravitam em torno da escola, principalmente- que acredita na idéia de que os pais de hoje têm pouco tempo para os filhos. Esse seria um dos motivos importantes que explicariam a falta de educação -eles dizem limites- de crianças e jovens do nosso tempo. Será?

É verdade que as exigências de trabalho, os anseios de carreira e o tipo de vida que levamos roubam muito do nosso tempo. Quantas vezes lemos a mesma notícia em jornais diferentes? Quantas vezes passamos horas tentando entender a economia do país pesquisando aqui e ali análises muito semelhantes? Quanto tempo consumimos planejando coisas que faremos no fim de semana?

Não é possível deixar de reconhecer que temos administrado muito mal o nosso tempo, em virtude, principalmente, dessa voracidade pela informação, pela vida confortável, pelo lazer. Isso resulta, de fato, na perda de um tempo que poderia ser destinado aos filhos e à vida privada.

Por outro lado, os pais nunca se dedicaram tanto aos filhos. Nunca crianças e jovens foram tão cuidados, protegidos, atendidos em suas necessidades e demandas, legítimas ou não. Em outras palavras: nunca os pais prestaram tanta atenção em seus filhos.

Eles sabem quase tudo o que acontece na vida dos mais novos. O filho não comeu todo o lanche? Os pais sabem. O filho brigou na escola? Os pais sabem. E o que almoçou com os colegas? Os pais também sabem.

Mas isso tudo não basta. Os pais querem saber muito mais, querem "participar" ativamente da vida dos filhos. Quando e com quem ficaram pela primeira vez; nome, sobrenome, data de aniversário e endereço dos amigos; ídolos e músicas preferidas. Tem sido quase insuportável para os pais não saber algo da vida dos filhos. As escolas conhecem de perto essa história: é cada vez mais freqüente o pedido de pais que querem acompanhar um dia do filho na escola, um passeio programado para os alunos ou coisa parecida.

A comunicação entre pais e filhos pelo telefone celular é uma prova irrefutável desse fenômeno. Os filhos ganham dos pais cada vez mais precocemente seu aparelho e têm, também, o número dos pais. Estejam os filhos onde estiverem, no horário que for, eles têm acesso irrestrito aos pais pelo telefone. É bem comum observarmos pais atendendo ao chamado dos filhos quando estão em consulta médica, no trabalho, no trânsito. E quase todos os que testemunham tal fato respeitosamente se calam para que os pais possam falar com seus filhos. As conversas são urgentes? Urgentíssimas, segundo filhos e pais.

O que irão jantar, a que horas os pais voltarão para casa, um pedido de um filme ou jogo que deve ser alugado para aquele dia, a comunicação de uma festa de aniversário que ocorrerá na semana seguinte, uma pergunta do trabalho escolar e assim por diante.

Educar virou sinônimo de cuidar, proteger e acompanhar cada passo da vida dos filhos. Pouco tempo para os filhos? Talvez haja tempo em excesso destinado à vida deles, mas esse é um tempo absolutamente egoísta da parte dos pais. É um tempo dedicado a acalmar as angústias que as incertezas provocam, a controlar uma faceta importante de seu projeto de vida realizado na forma da paternidade, a proteger os filhos dos sofrimentos inevitáveis da vida.

Os pais têm sido, durante todo o tempo que têm, o escudo dos filhos para a vida. Essa tarefa é extremamente desgastante. Talvez por isso não reste tempo, disponibilidade, coragem nem paciência para cultivar os vínculos com os filhos, contar histórias sobre a vida familiar, ensinar a conviver com respeito, socializar. Muitos pais acham que não têm outra escolha. Mas eles têm e precisam saber a importância de fazer essa ou aquela escolha na condução da educação dos filhos.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)

